

Trauma e filiação em Freud e em Ferenczi

Monique Schneider

Qual o subsolo das teorias sobre a filiação propostas por Freud e por Ferenczi, tão diferente entre si? Elas representam a elaboração de problemáticas muito diferentes também.

Gostaria, nesta conferência, de abordar a relação da filiação entre Freud, o mestre, e um de seus discípulos, Sándor Ferenczi. Ela é complexa e difícil de analisar, porque cada um dos autores elaborou por sua própria conta uma teoria da filiação, e isto de maneiras bastante diferentes. Tanto para Freud quanto para Ferenczi, a idéia de filiação se converteu num instrumento teórico precioso; mas para ambos essa problemática é perpassada por sonhos, por incertezas, por paixões, que fazem com que a teoria estabelecida a respeito da filiação seja ao mesmo tempo um sintoma, e isso para cada um deles.

Vamos começar pelo lado de Freud, e estudar a imagem da filiação tal como se apresenta para ele. Para Freud,

o paradigma da filiação remete a uma inspiração jurídica ou social. A idéia é que pela filiação se transmite um certo bem; há uma herança biológica, conceitual ou material sendo transmitida, com o mínimo possível de amputações, do ascendente ao descendente. Evidentemente, Freud percebe o caráter ideal desse modelo, em que as coisas passariam sem perdas de uma geração para outra. E dentro do próprio movimento psicanalítico, também per-

Monique Schneider - Psicanalista francesa, autora de diversos livros, entre os quais *Freud et le Plaisir* (Paris, Denoël, 1980) e *La Parole et l'Inceste* (Paris, Aubier-Montaigne, 1980)* - Conferência pronunciada no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em outubro de 1991. Transcrição das fitas: Rosemeire Guinâncio e Angela Maria Vitória. Tradução e edição: Renato Mezan e Anna Maria Amaral.

cebe forças trabalhando no sentido oposto, isto é, no sentido de fragmentar, diversificar, separar e fraturar o conjunto da herança que está sendo transmitida. O encarregado de zelar pela integridade da herança é a instituição. Esse termo, *zelar* ou *velar*, *tomar* conta de, já é absolutamente revelador do caráter em parte realista e em parte mítico do tema da filiação, na medida em que, no vocabulário de Freud, *velar* remete a um sonho bastante conhecido, o sonho da criança que queima, colocado no início do capítulo VII da *Interpretação do Sonho*. Este verbo introduz toda uma imagética ligada à figura de um pai que vela o seu filho, a criança morta.

Além da instituição, o próprio corpo teórico fornece instrumentos para pensar que essa continuidade é possível, ou seja, coloca elementos que permitem conceber a viabilidade dessa transmissão sem arranhões. Em especial, é a teoria da identificação que funciona como pivô, na medida em que fala de um processo psíquico e ao mesmo tempo social, que permite conceber a transmissão verticalmente de uma geração a outra. Há um modelo ao qual alguém vai se identificar, o que permite pensar teoricamente esta possibilidade de transmissão.

Convém lembrar a definição da identificação dada por Freud em *O Ego e o Id*; ela funciona ao mesmo tempo como uma injunção e como um interdito. É uma ordem, ordem que tem a característica de ser simultaneamente um imperativo, “sê como teu pai”, e uma proibição, “não podes ser como teu pai”. E esta dupla mensagem concerne a cada filho, pessoalmente. O texto diz o seguinte, se referindo ao superego: “suas relações com o ego não se limitam a dirigir a este o conselho “tu deves ser assim (como teu pai), mas essas relações implicam também a proibição: “tu não deves ser assim (como teu pai)”. Dito de outra forma: “não podes fazer tudo aquilo que ele faz,

há muitas coisas que são reservadas unicamente a ele”.”¹

Essa teoria de identificação desempenha duas funções opostas e contraditórias. Na versão mais corrente, mais freqüentemente repetida no campo psicanalítico, ela torna possível e necessário um processo de transmissão que enfatiza o lado da continuidade, da reiteração identitária: “sê como teu pai”. Também diz alguma coisa a respeito de como Freud imaginava esse ancestral que deve ser copiado, reproduzido, mantido como um autêntico valor.

Essa visão positiva da identifica-

A teoria da identificação funciona como pivô de uma concepção identitária da filiação.

ção é bem mais conhecida e propagada dentro do campo psicanalítico do que a visão oposta, segundo a prescrição “não se deve ser como o pai”, e que contém outras possibilidades de leitura. É importante compreender bem este ponto: não é que nós estejamos diante de um díptico contendo duas entradas ou duas faces, isto ou aquilo. Na verdade existe um único modelo, o modelo do pai, e é frente a esse modelo do pai que se erigem um sinal positivo e um sinal negativo, enfatizando justamente essa dimensão identitária. Digamos que existe alguma lógica nessa possibilidade negativa (não ser como o pai), injunção um tanto paradoxal, pois é

só o pai que tem o direito de ser o modelo de todos, a partir de si mesmo: o modelo na sua própria geração, na geração dos filhos, na geração dos netos, na geração dos bisnetos e assim por diante, o que nos confronta a uma transmissão paralisada, proibida: só o pai tem o direito de se suceder a si mesmo.

Essa conseqüência teórica, que estamos examinando com cuidado na teoria da identificação, encontra uma correspondência no universo onírico de Freud, como aparece na *Interpretação do Sonho*. Neste livro, Freud repete muitas vezes que não acha interessante as pessoas se orgulharem por seus ancestrais. Ele prefere ser ele mesmo o ancestral, o que é dito no sonho do “Conde Thun”. Se Freud prefere ser ele mesmo o ancestral, isso não mostra só que ele gostaria de ser o pai, mas mostra também que ele deseja esse tipo de relação com seus próprios sucessores. Não está só construindo uma teoria, mas também manifestando um desejo pessoal seu. Esta fantasia de imortalidade, fantasia de alongamento eterno e identitário do ancestral através das suas reencarnações, aparece em outros lugares do livro. Por exemplo, surge nas associações do segundo sonho com Brücke, o sonho da “preparação anatômica”. No fim deste sonho há uma cena estranha, na qual é preciso passar por uma ponte lançada sobre um abismo. E Freud pensa que a ponte são as próprias crianças, ponte para o outro lado do abismo. Será preciso então sacrificar crianças para acolhermos a imortalidade? Freud toma então uma idéia-ponte, uma idéia que surge entre o sonho e aquilo que lhe ocorre quando acorda: “Acordo com pensamentos tristes, cheios de angústia, depois que uma idéia forçou o acesso à representação. Essa idéia diz que talvez as crianças, os filhos, obtenham aquilo que foi recusado aos pais”. E ele comenta esta nova associação falando de um estranho romance, no qual a identidade

dos personagens se mantém através de uma seqüência de gerações de cerca de dois mil anos. É a história de uma feiticeira, *She* (Ela), escrita por Ridder Haggard.²

Essa hipótese sugerida pelo sonho, de um prolongamento eterno do ancestral, funciona em consonância com algo que será evocado logo em seguida, a filiação teórico-científica, ou seja, a relação com os discípulos. Estes filhos “científicos” poderiam garantir a integridade e a perenidade da obra, portanto do pai-ancestral: a filiação carnal é impura, produz a diversidade incontrolável, e o pai só pode se colocar como origem revestindo-se da aura do Mestre, mestre fundador de uma instituição cujo papel é perpetuar o impulso originário.

Aliás, o sonho de uma filiação animada pela paixão do idêntico atrai Freud não somente na área da descendência científica, mas igualmente em certas hipóteses teóricas elaboradas na *Interpretação do Sonho*. No estudo dos processos psíquicos, o próprio vocabulário deixa pressentir a importância do tema da filiação: o inconsciente produz *Abkömmlinge* (“rejetons”, literalmente descendentes), o que o coloca como ancestral originador de vastas linhagens. E, quanto ao idêntico, a finalidade dos processos primário e secundário não é, respectivamente, chegar a uma *identidade de percepção* e a uma *identidade de pensamento*? Eis aqui elaborações teóricas que prolongam, curiosamente, o ideal entrevisto no romance caracterizado como “estranho”, porque nele um personagem se mantém através de uma sucessão de gerações que dura dois mil anos. O mesmo termo, *Identität*, governa tanto a filiação histórica quanto a filiação intra-psíquica.

Conceber desta forma a transmissão da herança viria ratificar e reforçar o caráter imortal do pai. Vale lembrar que, para Freud, a única forma de um pai morrer é por assassinato. Nenhum pai morre de

morte natural. Então como preservar o pai dessa ameaça de assassinato? Seria preciso embalsamá-lo, mumificá-lo de alguma maneira, permitindo que ele se conserve de maneira indefinida através das gerações. Na instituição, todo um conjunto de forças vai promover a transmissão integral dessa herança do pai, conformemente à fantasia freudiana. Mas é justamente aqui que cabe abrir a questão, o problema: será que toda e qualquer idéia, toda e qualquer experiência psíquica ou teórica é suscetível de ser transmitida desta forma, sem falhas, sem concessões ao tempo?

O pai é e deve ser imortal: o sepultamento preserva o sepultado da erosão do tempo.

Duas figuras da transmissão /filiação

É interessante observar um conjunto de metáforas utilizadas por Freud para dar uma idéia desta concepção. Em termos teóricos, o que assegura a imortalidade de um conteúdo psíquico é o *recalque*, que justamente retira dos processos elaborativos uma idéia ou uma impressão, e a mantém isolada, imune às transformações impostas pelas conexões em que normalmente entraria. É a metáfora arqueológica a que melhor sugere a idéia de alguma coisa sólida, capaz de se manter in-

tacta durante séculos. Ao responder ao paciente que, incrédulo, duvida da possibilidade de aceder a recordações muito antigas, mantidas supostamente intactas no seu inconsciente, Freud aponta as estatuetas em cima de sua mesa, dizendo que foi justamente o seu sepultamento que as preservou da destruição. O que dura é mantido tal e qual porque está oculto, escondido, imune aos processos de erosão físicos ou psíquicos.

O sepultamento tem um lado protetor. O prazer vivido por Freud com esta demonstração “ocular”, visível, da veracidade da sua tese - este prazer é da mesma natureza que o seu espanto, quando pequeno, diante de outra demonstração *ad oculos*. Ela é narrada no sonho das Parcas, e se refere ao dia em que sua mãe, procurando explicar à criança o que significa ser mortal, disse-lhe que todos somos feitos de terra; e, para provar que assim é, esfregou as mãos: das palmas, saíram pequenas casquinhas de epiderme, “grãos de terra” que comprovavam a continuidade entre a terra e o corpo materno. A mesma concepção preside à imagem de “camadas” geológicas ou arqueológicas no psiquismo, a qual garante a possibilidade de, escavando com cuidado, recuperar aquilo que ali foi enterrado. Assim como foi possível encontrar as ruínas de Tróia, as lembranças e desejos da infância também podem ser encontrados.

Mas Freud não permanece todo o tempo nesta paixão pela identidade. Ao lado do recalque secundário, que conserva, fala também do recalque primário ou originário. O mecanismo deste último é, como se sabe, o contra-vestimento, o que significa tratar as experiências e situações objetos de repressão originária como “não tendo acontecido”. São em geral sensações e experiências ligadas ao corpo. Aqui não se trata, como no recalque secundário, de uma censura que impede a transcrição fiel ou produz uma tradução defeituosa; trata-se da impossibilidade de uma inscri-

ção. Ficam de antemão neutralizadas todas as possibilidades de transcrever esta inscrição, contra-vestindo, isto é, hiper-vestindo tudo aquilo que impede esta experiência de se transformar em lembrança. Nós apagamos da existência psíquica aquilo que foi objeto de um recalque primário. Aqui reencontramos uma das definições dadas por Freud do recalque: “falha de inscrição”. E Freud acrescenta que a falta de inscrição é algo completamente diverso de uma inscrição defeituosa, parcial ou elíptica, como no recalque secundário.

É toda a questão da memória que aqui se coloca: e, caracteristicamente, é pelo lado do avesso que Freud começa a abordá-la. O problema é o do esquecimento do sonho, que se antepõe como obstáculo maciço à inunção de fidelidade, inunção formulada quanto ao registro de percepção: somente a reaparição do objeto que proporcionou a satisfação seria aceitável para uma “identidade de percepção” - o que pressupõe, obviamente, a manutenção fiel do registro da primeira percepção deste objeto. Ora, é impossível preservar o texto do sonho da erosão produzida pelo esquecimento: aqui, é impossível a transmissão de que falávamos antes, transmissão de um bem que permanece intacto ao longo de todo o processo. Não há qualquer garantia de que o relato lembrado, tomado como substituto do sonho, seja conforme ao original: é preciso fazer o luto da posição de controle total, posto que não há nada equivalente ao monumento ou ao texto sagrado - metáforas características do imaginário da dominação, que reverbera em torno da figura de Brücke (sonho no qual é evocado o monumento ao imperador José II).

Do que se afigura como obstáculo capaz de aniquilar o projeto científico - a impossibilidade de captar na fonte o próprio sonho - vai nascer o método analítico, desdobrando, no lugar do sonho inalcançável, toda a rede associativa. E é neste momento

que Freud abandona as metáforas que aludem ao imutável (monumento, texto sagrado, relíquias arqueológicas) e passa a um outro conjunto de imagens, centrado sobre a experimentação óptica: é a analogia com o microscópio e com o telescópio que vem para o centro da cena, analogia na qual são exatamente os pontos *virtuais* que interessam, no lugar e em vez da solidez e da garantia representadas pela reprodução do imutável.

Temos assim duas figuras da transmissão e por extensão da filiação: uma que acentua a identidade do transmissor por meio daquilo que transmite, sua própria substância por

Em vez de Pompéia,
São Francisco
devastada pelo
terremoto: imagem da
psique traumatizada,
segundo Ferenczi.

assim dizer, e outra que propõe a figura do *Ersatz*, do substituto, inserindo-se num espaço fluido e relativamente caótico, a ser interminavelmente reconstruída a partir de fragmentos que, finalmente, jamais se soldam por completo. Com estes elementos em mãos, deixemos provisoriamente esta problemática freudiana, e procuremos ver como as coisas se apresentam do lado de Ferenczi.

O trauma: herança impossível de ser transmitida

Em Ferenczi, o lugar da questão da filiação não é primordialmente

abstrato ou metapsicológico, mas, ao contrário, próximo do relato e da narrativa. Ferenczi procura seguir passo a passo a experiência da criança, já que é a partir da óptica desta que se estrutura o tema da filiação - Ferenczi ocupa preferencialmente o lugar do filho e identifica-se com a posição deste, enquanto Freud descreve a filiação preferencialmente da perspectiva do Ancestral. É o encontro da criança com o adulto que forma o solo natal da problemática ferencziana da filiação, numa tentativa de compreender a dinâmica inter-subjetiva deste encontro. Ela é muito mais próxima do choque do que da passagem ritualizada de um bem ou de um objeto: a cena é a de um impacto violento entre o adulto e a criança, não a de uma entrega tranqüila em que o primeiro oferece à segunda uma terceira coisa, justamente a herança. Em poucas palavras, este encontro é da ordem do *trauma*.

Para Ferenczi, o vínculo entre a teoria do trauma e a questão da filiação está longe de ser acidental; ao contrário, pertence à essência do encontro entre uma geração e outra o caráter traumático. E as metáforas correspondentes não podem ser, portanto, as do sepultamento que preserva a relíquia. A criança traumatizada não guarda dentro de si, imutável, a recordação das experiências traumáticas, como se fosse o pivô em torno do qual organizaria seu sistema de lembranças e de defesas. Não há aqui “corpo estranho” no centro do novelo subjetivo, porque a violência é de outra ordem. Não apenas a “coisa” transmitida se vê destruída, mas ainda a destruição alcança a própria psique infantil: a criança não conserva tanto dentro de si algo destrutivo e persecutório, mas o próprio esconderijo ao qual este algo poderia ser conservado é descrito como tendo sido destruído. Refiro-me aqui, em especial, ao artigo de 1931 “Análise de Crianças com Adultos”, no qual esta faceta é mais sensível.

Não estamos mais diante de ima-

gens de ocultamento, ainda - poder-se-ia dizer - prenes da esperança de recobrar o oculto. Ferenczi empregá metáforas que aludem à amputação e à mutilação, para falar do processo defensivo a que denomina a "autoclivagem narcísica": "Trata-se de uma clivagem da pessoa, de uma fratura da pessoa, em uma parte brutalmente destruída e numa outra parte que *sabe* tudo, mas que de algum modo não *sente* nada", diz ele neste texto. "Este processo é figurado por fantasias e sonhos que mostram a cabeça, isto é, o órgão do pensamento, separada do corpo, andando sozinha ou ligada ao tronco apenas por um fio"³.

Aqui estamos, claramente, diante de uma reviravolta completa no campo metafórico. Deixa de valer o registro ainda otimista da arqueologia, da sepultura que conserva. Literalmente, mudamos de cidade: não se pode mais falar de Pompéia, mas é preciso pensar, por exemplo, em São Francisco depois do terremoto, ou em uma cidade bombardeada, incendiada, destruída. Outra série de imagens empregada por Ferenczi toma como núcleo a autotomia, isto é, o processo pelo qual uma parte do seu corpo é cortada e abandonada pelo animal em perigo (por exemplo, a lagartixa que desprende o rabo para fugir a um predador). A radicalidade do gesto é aqui muito maior, inclusive porque o que se perde é parte do próprio corpo, e não algo produzido pela cultura com todas as suas mediações, como no caso das imagens tiradas da arqueologia.

Diante da situação que traumatiza, a criança descrita por Ferenczi faz mais do que se partir em dois. Ferenczi, a este respeito, fala de *fragmentação*, que é um processo muito mais radical e dilacerador. Há duas versões diferentes das conseqüências deste movimento defensivo radical: assim como nas figuras da filiação para Freud, uma delas é mais conhecida, a outra ficou mais na sombra. A primeira versão apresen-

ta a *anestesia emocional* como o modo de defesa frente ao trauma. Em seu artigo "Reflexões sobre o Trauma", Ferenczi ilustra isto com o sonho de uma moça que foi estuprada: a *autotomia*, o movimento de destacar de si a parte machucada, aparece figurada pela imagem de uma lagoa profunda e de algo que voa no céu, a uma distância muito grande da água, algo como um avião. A lagoa representa a parte inconsciente, a profundidade da inconsciência, e também o perigo do homem que não soube se dominar, além da *inacessibilidade* dos acontecimentos mergulhados em águas tão profundas. Já o

A eficácia da análise depende de o paciente poder dar à luz uma experiência abortada pelo impacto do trauma.

aviador contempla de cima, muito distanciadamente, aquilo que a outra parte sente; seu olhar é o de alguém que toma conhecimento, mas não sente nem age.

Na seqüência deste artigo, Ferenczi propõe uma segunda versão deste processo de auto-dilaceramento: a criança pode permanecer paralisada por esta dor sem nome, mas pode também desenvolver uma hiper-sensibilidade ao sofrimento, tomando-se literalmente um anjo da guarda. "Se até aqui a criança foi privada de amor e até mesmo martirizada, agora ela destaca um fragmento de si mesma, sob a forma de uma pessoa

que dispensa cuidados, proteção ou amor à outra parte, tomando conta dela e decidindo por ela com extrema sabedoria e inteligência penetrante. Esta parte saiu para fora da pessoa quando da grande explosão, e agora percorre o universo inteiro para procurar ajuda"⁴.

Outra figuração do mesmo processo se encontra no sonho do "bebê sábio". Esta é a figura mágica de um bebê recém-nascido que, de repente, se põe a falar e a dar excelentes conselhos aos adultos. Em ambos os casos, o que chama a atenção é a *ausência de agressividade* nesta criança martirizada: ela não reage com fúria ou com cólera contra o adulto que a violenta. Existe certamente a identificação com o agressor, mas o que prevalece aqui é a bondade da criança, o efeito de hiper-sensibilidade à dor alheia. Isto não deixa de ter paralelos com as críticas que Ferenczi endereça à "hipocrisia profissional" do analista e com a concepção que tinha do papel continente, diríamos hoje, deste mesmo analista. E é esta função continente, empática, que permitiria à criança-paciente não apagar o trauma, mas viver até o fim esta experiência, que havia sido justamente bloqueada em seu curso por diferentes fatores. A eficácia terapêutica da análise dependeria de o paciente poder, de uma maneira ou de outra, dar à luz esta experiência, abortada na sua própria constituição pelo impacto das defesas mobilizadas para se proteger dela.

A segunda abertura de Ferenczi a esse respeito é insistir sobre o aspecto ativo da criança. Esta não é apenas alguém que se identifica ao modelo, recebendo passivamente o que ele lhe oferece: impõe-se a noção de uma criança que decifra, que quer adivinhar os sentidos dos menores desejos do adulto, que interpreta e busca exercer o papel de receptora diante dos enigmas que o adulto propõe. Sabemos que Ferenczi chamou a atenção para a capacidade dos pacientes de perceberem os desejos e aflições dos

seus terapeutas, e isto pode ser colocado em paralelo com a função que atribui à criança diante do adulto. A criança se transforma em pai dos pais, em analista do analista. Isto sugere uma pista para compreender a própria obra de Ferenczi: e se esta pudesse ser lida como uma desesperada tentativa de “cuidar”, de “tomar conta” daquilo que há de traumático no próprio itinerário de Freud? A paixão da criança a conduziria assim não tanto a perpetuar o adulto na transmissão da herança, mas a tornar vivas e habitáveis as zonas devastadas que o pai ou a mãe encontraram em sua própria infância. A criança, mais do que suceder ao seu genitor, tomaria retroativamente possível, num efeito de *après-coup*, a infância e o nascimento deste último.

Ao falar do bebê sábio, Ferenczi está por um lado se referindo às suas próprias experiências pessoais e clínicas, enquanto analista. Mas também é possível que, nesta paixão por inverter os papéis, esteja sendo elaborado algo de sua própria relação com Freud, posto que Freud foi o analista de Ferenczi: aqui estaríamos diante de algo que conceme, mais uma vez, à filiação, enquanto foco de questionamentos radicais que atingem o próprio cerne do pensamento teórico. Esta inversão de perspectiva constitui uma miragem perigosa, se tentamos levá-la ao absoluto, e ao mesmo tempo o vetor eficaz sobre o qual se inscreve um trabalho. Falando de suas experiências clínicas, Ferenczi se dirige também àquela que foi seu analista; e sabemos que, quando se diagnosticou o câncer do mestre, o discípulo propôs a este uma ajuda analítica.

Freud, filho de Ferenczi

Voltemos brevemente a Freud, para examinar o que se apresenta em seu texto como o traumático, mas procurando lê-lo com o instrumental ferencziano. Na *Interpretação do Sonho*, há um incidente traumático

relativo à infância de Freud, que procurei reconstituir em meu livro *Père, ne vois-tu pas...?*⁵. A lembrança deste incidente aparece num contexto muito significativo, nas associações de um sonho da época da Primeira Guerra Mundial, no qual Freud vê seu filho ferido com uma bandagem na testa e com algo estranho na boca, como se fossem dentes falsos (ver capítulo VII, seção C: “A Realização de Desejos”). É um sonho penoso, e evidentemente relacionado com a filiação. Neste contexto, Freud relata que quando pequeno caiu de um banquinho, no qual havia subido “para pegar algo gostoso”; na que-

Nos sonhos de Freud,
a ameaça que paira
sobre si próprio é
regularmente enviada
para outro, como o filho
ou a paciente.

da, machucou-se muito e, sangrando fortemente, foi atendido por um médico caolho, que costurou seu queixo. A cicatriz desta cirurgia permaneceu no seu rosto por toda a vida; Freud escreve que “eu podia ter deixado ali todos os dentes”. A motivação do sonho remete à inveja que o homem mais velho pode sentir pelo mais jovem, pelo “heróico soldado”. A mãe de Freud teria dito, por ocasião do acidente da infância: “bem feito, você mereceu”, recriminação assumida pelo pai diante do ferimento do filho, como que dizendo a este: “bem feito, você mereceu”. O que chama a atenção neste so-

nho é a hostilidade contra o “bravo guerreiro”, hostilidade que surge de um movimento mais profundo. Quem se feriu na boca com a queda do banquinho foi o pequeno Freud; mas no sonho o ferimento, ou a “coisa estranha na boca, como dentes falsos”, aparece reportado sobre o filho. A ameaça que paira sobre si mesmo, nos sonhos de Freud, é imediata e regularmente enviada na direção de uma outra pessoa: por meio desta operação de substituição, o grave ferimento e a advertência que se segue são atribuídos ao filho, ultrapassando a barra que faz se sucederem as gerações. Como se o trauma, no encontro mesmo com o impossível, exigisse que um outro, um herdeiro, viesse ocupar a posição inabitável. O trauma comandaria assim um processo de transmissão obrigatória, processo que convoca com urgência um herdeiro ali onde aquele sobre quem cai o ocorrido não pode se sustentar: nada semelhante ao dom de um patrimônio, mas legado paradoxal da dor insuportável. O que há de insustentável na sua própria experiência infantil é que se vê arremessado em direção ao filho, o que ilumina de forma completamente diferente a problemática da transmissão e daquilo que passa de geração em geração. Este “algo” não é um emblema nem um estandarte, mas algo terrível, doloroso, insustentável, e que precisa ser projetado violentamente para dentro da boca do filho.

As alusões a este acontecimento datando do seu terceiro ano de vida estão de tal forma dispersas no texto da *Interpretação do Sonho*, que me foi extremamente difícil seguir as pistas, colocadas em partes e em contextos muito distantes entre si. Aqui parece que estamos diante de algo diferente de outros casos, nos quais deliberadamente Freud quis ocultar algo que julgava impróprio, e para isto recorreu ao artifício de dividir a história em partes e apresentá-las em contextos aparentemente desconectados uns dos outros.

Faço a hipótese de que aqui caberia empregar a noção ferencziana de fragmentação, no sentido descrito atrás: talvez o próprio acontecimento jamais tenha assumido uma configuração completa, jamais tenha podido se constituir numa *experiência* unívoca e capaz de ser assumida pelo sujeito Freud. Isto porque a cena do banquinho é apenas uma parte de um conjunto extremamente complexo, que envolve diversos outros elementos, e cuja reconstrução não cabe aqui, já tendo sido feita no livro a que me referi.

Uma outra “lasca” deste evento horripilante se encontra mencionada no artigo de 1898 sobre as “Recordações Encobridoras”; uma terceira aparece no primeiro sonho próprio relatado por Freud na *Traumdeutung*, o sonho do médico caolho. Primeiro e último capítulo do livro: como se as bordas do acontecimento tivessem permanecido separadas, como as bordas da ferida ou como os lábios da boca na qual se enfiou “algo esquisito”. E, quando surge o câncer no seu maxilar, Freud toma a providência de expurgar do livro sobre os sonhos as duas referências à cicatriz resultante da cirurgia, eliminando-as das edições posteriores a 1923! Prova de que esta cicatriz não cicatrizou, prova de um exorcismo da vulnerabilidade e da fragilidade que o velho e a criança compartilham, e que pode ser figurada igualmente pela ausência dos dentes: “eu poderia ter deixado ali os meus dentes”. Quanto ao tema dos olhos (médico caolho), ele está documentado abundantemente na *Interpretação do Sonho*, livro no qual o olho, um olho, e os dois olhos, originam densas redes de associações - aliás frequentemente acompanhadas pelo tema da morte (sonhos de Brücke, sonho do “pede-se fechar um olho” consecutivo à morte do pai, etc.).

Como funciona, então, a lembrança do grande trauma infantil no texto de Freud? No nível da *Interpretação do Sonho*, como algo im-

possível de ser organizado e integrado, e que se encontra precisamente projetado, ou melhor, ejetado para toda uma série de personagens: de um lado o filho, e de outro os pacientes. Um exemplo deste movimento de ejeção encontra-se no sonho do filho na guerra; e um detalhe deste sonho - “ele parece arrumar alguma coisa na boca, como se fossem dentes falsos” - remete naturalmente ao famoso sonho inaugural, o sonho da injeção em Irma, que também aparece como “alguma coisa artificial na boca, algo como as mulheres que usam dentaduras”. O que é comum aos dois sonhos é o movimento de

Para Freud, que temia os transbordamentos, nada mais estranho do que comparar a análise a uma “irrigação”.

afastar de si e atribuir ao outro algo intolerável, algo que não pode ser assumido como tendo sido parte de uma experiência própria. E no entanto a experiência funciona, reaparecendo sob a forma desta projeção narcísica, seja sobre o filho, seja sobre a paciente.

Como se aquilo que o sujeito não pode assumir, que não pode ter registro na consciência, se encontrasse desviado de si, e fraturado em duas direções. Uma delas é o lado do corpo; é o corpo que vai entrar na vida, produzindo o câncer no maxilar. A outra é o lado da filiação, e aqui há novamente um deslocamen-

to: a filiação é a da carne - o filho na guerra - e também a do espírito, através dos discípulos.

Tudo ocorre como se a lembrança incapaz de ser simbolizada, de ser psiquicamente elaborada, precisasse voltar no plano do real. É o que se pode pensar a partir da reação de Freud a uma outra operação no rosto, a célebre história da cirurgia praticada por Fliess na paciente chamada Emma e que foi mal-sucedida: Fliess cometeu um erro, esquecendo no nariz da moça um rolo de gaze, e o tecido nasal se necrosou, provocando uma hemorragia que quase matou a paciente. O sangue que jorra da boca, do nariz, do rosto, do maxilar, é algo que regularmente vem assombrar a experiência de Freud. Tanto na sua obra teórica quanto nas pessoas que amou, este elemento - o sangue que brota incontrolavelmente, o transbordamento incoercível de um líquido vital - vai aparecer sempre como uma metáfora do perigo de vida. E em seus sonhos, como é possível ver lendo-se com atenção a *Interpretação do Sonho*, o que faz barreira a este pavor da inundação líquida é uma espécie de paixão pelo seco - as flores que aparecem em seus sonhos são sempre flores secas, por exemplo no sonho da monografia botânica, ou o “esqueleto de uma flor amassada” do sonho do Conde Thun, o que quer que queira dizer esta expressão extraordinária de “esqueleto de uma flor amarrutada” (*zusammengeknülltes Blattgerippe*).⁶

Já no plano teórico, a imagem da drenagem, do tornar seco, aparece no contexto do “*Wo es war, soll ich werden*”, quando Freud compara a psicanálise à drenagem do Zuyder Zee pelos holandeses: nos dois casos, o trabalho da civilização consiste em secar, em desumedecer. Para Freud, nada mais estranho do que comparar a análise a uma irrigação ou a uma “fecundação”. E o que seria então o úmido, o molhado? É esta uma das representações centrais do feminino em Freud, a do líquido

que escorre, transborda, inunda e precisa ser contido por um dique, a fim de não destruir tudo em seu movimento de expansão ilimitada. É o que aparece, entre muitos outros exemplos, no poema humorístico que redigiu para comemorar o nascimento do filho de Fliess, no qual elogia a façanha do amigo: "saúde ao pai que, no fundo do cálculo/encontrou um meio de conter a potência do sexo feminino/para que esta consentisse em obedecer a lei".⁷ Esta frase não expressa apenas o óbvio, ou seja, o temor de Freud frente ao que no seu imaginário se configura como o feminino. Expressa também uma constante no modo pelo qual Freud constrói os *pares*: quer seja o par mestre/discípulo, quer seja o par pai/filho, quer seja o par analista/paciente, quer seja aqui o par masculino/feminino. Esta constante é a clivagem entre um positivo e o seu oposto, aqui representados pelo "cálculo" exato e seco, e pela "potência" líquida e selvagem, rebelde à lei, cada qual de um lado da linha divisória. A função deste procedimento é permitir que seja ejetado para o "lado de lá" aquilo que não pode ser assumido nem tolerado por Freud, que ocupa sistematicamente o "lado de cá" - num movimento que pode ser bem compreendido se nos servimos da concepção do trauma trazida por Ferenczi.

Um último exemplo, tirado de um sonho de uma paciente de Freud, que precisava usar uma prótese no maxilar devido a uma cirurgia bucal mal-sucedida.

Ela tirava esta prótese durante o sono, jogando-a no chão. Freud é então solicitado a recriminá-la por isto, provavelmente por alguém da família. A paciente se justificou, dizendo que havia atirado a prótese no chão por causa de um sonho que tivera: "No sonho, eu estava na ópera e acompanhava atentamente o espetáculo. Enquanto isto, no sanatório, o Sr. Karl (um conhecido dela) estava deitado e sofria terrivelmente

com dores no maxilar. Eu me disse que, se não estava sentindo dores, não precisava do aparelho. Por isso o joguei longe"⁸.

Como não se lembrar aqui do sonho de Irma, onde "fazer recriminações" e "justificar-se" por causa de uma boca doente são os temas mais salientes? Na transferência, a paciente responde à transferência de Freud sobre ela - o sonho dela é colocado a poucas páginas do sonho de Irma - e descarrega seu sofrimento sobre um outro indivíduo, o Sr. Karl, exatamente como Freud descarrega seus sofrimentos e suas queixas infantis sobre estas parceiras

Ao assumir uma parte silenciada da herança de Freud, Ferenczi aterroriza e espolia aquele mesmo por quem deseja velar.

femininas que são suas pacientes. A mulher é aqui o porta-voz do recalcado no homem, do "atirado longe". A prótese é por assim dizer enviada de boca em boca: há uma circularidade infernal entre a boca do pequeno Freud, a boca de Irma, a boca da paciente, a boca do filho e a boca do velho Freud, que também precisou, nos seus últimos anos, usar uma prótese no maxilar em virtude das cirurgias exigidas pelo câncer.

Ferenczi: discípulo perfeito?

Rejeitar: mas em direção de qual outro? O movimento pode dizer res-

peito a um outro atual, mas, dado o caráter cego desta defesa traumática, a ejeção pode ser realizada sob a forma de cenas que se apoderam de uma outra geração. Ali onde seria impossível a transmissão elaborada no plano representativo, assistiríamos, na filiação, a efeitos seja de repetição, seja de reparação atuada. *Thalassa*, o oceano, é o começo de toda a vida, e tudo se passa como se Ferenczi, fazendo-se guardião do recalcado de Freud, procura-se trazer um pouco de umidade a esta paisagem árida e desoladora que retorna sempre no imaginário do mestre.

Além disso, na própria relação entre os dois - relação que estudo longamente em meu livro *Le Trauma et la Filiation Paradoxale*⁹ - há todo um movimento pelo qual Ferenczi se comporta não só como o discípulo atento, que recolhe a herança do mestre, mas também como aquele que a assume para fazer dela outra coisa, e neste processo aterroriza aquele por quem deseja velar - o próprio Freud. Como se o texto de Freud fosse portador de um apelo, apelo fundado numa vivência de desamparo, e Ferenczi, escutando este apelo, procurando responder-lhe e encarregar-se dele, fosse ao mesmo tempo o que remete a Freud a imagem de este havia procurado se livrar através do mecanismo de ejeção estudado aqui. Um pequeno comentário desta situação paradoxal nos servirá de conclusão para esta conferência.

Num primeiro momento, Ferenczi está longe de reivindicar o desamparo presente no texto freudiano. Ao contrário, este lhe serve como caução para elaborar seu próprio pensamento e sua própria prática, sempre apresentados como já inscritos previamente no texto manifesto de Freud. Ferenczi responde desta forma a um dos apelos lançados pelos sonhos do mestre, a saber, o fantasma do Autor único que se perpetua, imutável, nos descendentes que exploram sua he-

rança. Ferenczi se imagina assim, gloriosamente, como a ponta de lança do movimento psicanalítico, apoiando-se sobre o caráter revolucionário do trabalho de Freud para converter o mundo às descobertas da nova ciência.

É a propósito do papel da vivência (*Erlebnis*) no tratamento analítico, tema de um texto conjunto de Ferenczi e de Otto Rank escrito em 1924, que as posições começam a se afastar. Sabe-se que Freud procurou, a este respeito, ser o mais objetivo possível, e dissipar as ilusões de que seria possível, ou mesmo desejável, o acordo completo entre ele e seus discípulos quanto a todos os aspectos do trabalho comum (carta-circular ao Comitê, 4.2.1924). Estamos aqui longe da perpetuação do Mesmo e da reduplicação infinita do Ancestral, pois Freud admite, e mesmo requer de seus discípulos, que estes sejam capazes de “avanços independentes”. A permissão para inovar é permissão para que o outro possa nascer como outro singular, e não apenas como “criança-revenant”.

Ora, a situação paradoxal de Ferenczi, em sua relação com o mestre, consiste em simultaneamente reivindicar a posição de discípulo fiel e preservar uma certa liberdade de movimento na própria escuta do texto de Freud. Será isto a continuação do mesmo texto, ou a abertura de um outro texto? A alteração surge a partir do momento em que o perfilar-se junto aos temas fundadores se dá não no espírito de uma obediência, mas num impulso de apropriação jubilatória. É o caso do problema da “repetição agida” na transferência, sobre a qual Freud é extremamente ambíguo e cauteloso. Admite certamente a necessidade dela, em certos casos; chegou a formulá-la e a teorizá-la; mas sempre com uma visível reticência e uma cautela que deixa entrever movimentos de natureza defensiva. A importância atribuída ao “vivido” nos textos de Freud se

verifica num clima seja de resignação, seja de fascínio horrorizado: risco de despertar todos os demônios, que podem acudir se forem convocados. O caráter de transbordamento inerente à intensidade destas experiências é análogo, aliás, ao líquido temido em sua potência de inundação, do qual falamos atrás: nos dois casos, a prudência se impõe.

Para Ferenczi, ao contrário, e especialmente em seu último período, nenhuma desconfiança vem limitar o fascínio: a relação com a vivência é claramente de índole celebratória. Falando dos transe que podem ocorrer quando os pacientes revivem os acontecimentos traumatizantes, Ferenczi adota uma atitude oposta à do observador neutro e benevolente, deixando cair a divisão, teimosamente defendida por Freud, entre analistas e pacientes. Há uma convergência teórica aqui, apesar das aparências, pois Freud jamais negou os fenômenos de contra-transferência. Mas a posição de enunciação é completamente diferente: ali onde Freud eleva o tempo todo cercas e proteções, Ferenczi comemora a derubada das fronteiras. A *Erlebnis* se toma menos a experiência pela qual é indispensável passar, e muito mais a festa terrível colocada subitamente no centro do jogo analítico.

Retomando assim, em seu nome, um tema freudiano, Ferenczi se situa na posição de discípulo? Parece adequado usar aqui um termo jurídico: Ferenczi “tem o gozo” da vivência, termo cuja equivocidade é aqui bem-vinda. Por um lado, ele goza com esta noção pela qual a vertigem pode vir a se apoderar do palco analítico; mas por outro lado, ele tem o “direito de gozo”, no sentido de usufruir de uma propriedade. Assim, no próprio processo que faz de Ferenczi um discípulo que reivindica um ponto de doutrina inscrito no *corpus* freudiano, anuncia-se o risco de expulsar o mestre, de espoliá-lo no próprio movimento de apropriação. Em consequência, torna-se impossível para

Freud defender tão energeticamente quanto o fizera antes a necessidade incontornável da repetição agida, repetição capaz de fazer o passado retornar sob a forma do vivido.

A questão quanto à contribuição de Ferenczi pode assim ser recolocada: será ele aquele que, apoderando-se até o excesso de um tema presente em Freud desde o início (pense-se no papel da vivência do método hipnótico dos anos noventa), proíbe ao mestre reconhecer um de seus primeiros bebês teóricos? Ou é ele aquele que, ao contrário, obriga-se a restituir a Freud um filho insuportável, ilegítimo, sobre o qual paira o risco da ejeção (aqui representada pela recusa em seguir até o fim a lógica do transbordamento inerente à repetição agida)? Talvez, procurando mergulhar na garganta de Irma, o que Ferenczi tenha desejado fazer seja alcançar algo que, presente desde antes da emergência dos escritos magistrais, se poderia chamar de “o pré-natal da psicanálise”...

Muito obrigada a todos.

NOTAS

- (1) Freud, *O Ego e o Id*, *Studienausgabe*, volume III, p. 301.
- (2) Freud, *A Interpretação do Sonho*, capítulo VI, seção G: *Studienausgabe*, volume II, p. 437 ss.
- (3) Ferenczi, “Analyse d’Enfants avec des Adultes”, *Oeuvres Complètes*, volume IV, Paris, Payot, 1982, p. 106.
- (4) Ferenczi, “Réflexions sur le Traumatisme”, *Oeuvres Complètes*, volume IV, Paris, Payot, 1982, p. 147.
- (5) Monique Schneider, *Père, ne vois-tu pas...?*, Paris, Denoel, 1985.
- (6) Freud, *A Interpretação do Sonho*, capítulo V, seção B: “O infantil como Fonte do Sonho”. *Studienausgabe*, volume II, p. 219.
- (7) Citado por Max Schur, *La Mort dans la Vie de Freud*, Paris, Gallimard, collection “Tel”, 1975, p. 245-246.
- (8) Freud, *A Interpretação do Sonho*, capítulo III. *Studienausgabe*, volume II, p. 144.
- (9) Monique Schneider, *Le Trauma et la Filiation Paradoxale*, Paris, Ramsay, 1988.